



TRADUÇÃO

## UM CONTO ESCOLAR<sup>73</sup> DE M.R. JAMES

TRADUÇÃO DE CÍLIO LINDEMBERG DE ARAÚJO SANTOS

**Cílio Lindemberg de Araújo Santos**

*Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Brasil*

*ciliolindemberg@hotmail.com*

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i1.23506>

Recebido em: 29/08/2019

Aceito em: 25/07/2020

Publicado em dezembro de 2020

Em uma área para fumantes, dois homens conversavam sobre seus dias de escola. — Em *nossa* escola —, disse A., — havia uma pegada de fantasma na escada. Como ela era? Ah, muito pouco convincente. Apenas a forma de um sapato, com um dedão quadrado, se bem me lembro. A escada era daquelas de pedra. E eu nunca ouvi história alguma sobre a coisa. É muito estranho, se você parar para pensar. Por que será que ninguém nunca inventou uma história sobre ela?

— Com garotinhos, nunca se sabe. Eles têm uma mitologia própria. Aliás, tenho até um tema para você... “O Folclore das Escolas Particulares”.

— Sim, apesar de a safra ser bem escassa. Imagino que, se você fosse investigar o ciclo das histórias de fantasma, por exemplo, que os meninos contam uns aos outros em escolas particulares, descobriria que todas não passam de versões altamente concisas de histórias tiradas de livros.

— Hoje em dia, fariam uso extensivo das revistas<sup>74</sup> *Strand*, *Pearson's*, entre outras.

— Sem dúvidas! Elas não existiam e ninguém nem pensava nelas no *meu* tempo. Vamos ver... Será que eu consigo me lembrar de alguma bem básica que me contaram naquela época... Primeiro, tinha aquela da casa em cujo cômodo uma série

---

<sup>73</sup> Tradução do conto *A School Story*, de M.R. James, presente em sua obra *Ghost Stories of an Antiquary Part 2: More Ghost Stories*, publicada como *More Ghost Stories* em 1911.

<sup>74</sup> As revistas *Strand* e *Pearson's* eram periódicos mensais, publicados no Reino Unido entre os séculos XIX e XX, que reuniam artigos de interesse geral, bem como literatura (contos, poemas etc.).



de pessoas insistiam em passar a noite, e pela manhã cada uma delas foi encontrada ajoelhada em um canto, e só tinham tempo de dizer, “Eu vi”, e morriam.

— Não era aquela casa na Praça Berkeley?

— Eu acho que era. Tinha também a do homem que ouviu um barulho em um corredor à noite, abriu a porta, e viu alguém rastejando de quatro em sua direção com um olho pendurado à altura da bochecha. Mas tinha também... Deixe-me ver... Sim! A do quarto em que um homem foi achado morto, na cama, com a marca de uma ferradura de cavalo na testa, e o chão, por baixo da cama, estava forrado com marcas de ferraduras também; eu não sei por que. E, também, aquela da senhora que, ao fechar a porta de seu quarto em uma casa estranha, ouviu uma voz fina, que vinha por trás das cortinas, dizer, “Agora, estamos trancadas pelo resto da noite”. Nenhuma dessas histórias tinha explicação alguma ou mesmo continuação. Pergunto-me se elas ainda perduram por aí.

— Ah, é bem provável... e com ajuda das revistas, como eu disse. Você nunca ouviu, não é, de um fantasma de verdade em uma escola particular? Como eu pensei, ninguém que eu encontrei sequer ouviu.

— Do jeito que você fala, eu diria que *you* ouviu.

— Não tenho tanta certeza, mas isso é o que estava em minha mente. Aconteceu na escola particular onde eu estudei, há uns trinta e poucos anos, e eu não tenho explicação nenhuma para isso.

— A escola à qual me refiro ficava perto de Londres. Era situada em um casarão razoavelmente velho... um enorme prédio branco com belos campos ao redor. Havia também grandes pés de cedro no jardim, tal como há em muitos dos jardins mais antigos, juntos ao Vale do rio Tâmis, além de velhos pés de olmo nos três ou quatro campos que usávamos para brincar. Eu acho que era um lugar bem atrativo, mas os meninos raramente permitem que suas escolas possuam características toleráveis.

— Cheguei à escola em um mês de setembro, logo após o ano de 1870. E, dentre os meninos que chegaram naquele mesmo dia, havia um de quem eu me tornei amigo: um garoto da Escócia, a quem chamarei de McLeod. Não é preciso descrevê-lo: o principal é que eu o conheci muito bem. Ele não era de todo excepcional, nem era bom nos livros nem nos jogos, mas ele me era agradável.



— A escola era enorme. Deviam haver de 120 a 130 meninos lá geralmente, por isso se fazia necessário um número considerável de mestres, e em geral mudanças frequentes ocorriam entre eles.

— Em um semestre, talvez, no terceiro ou no quarto, um novo mestre apareceu. Seu nome era Sampson. Além de alto, ele era forte, pálido e tinha uma barba escura. Eu acho que gostávamos dele. Por viajar muito, ele tinha histórias que nos encantavam durante as aulas de campo, o que nos fazia entrar em uma competição para ver quem conseguia escutá-lo mais de perto. Também me lembro... minha nossa, eu nem lembrava mais disso até agora!... Que ele tinha um talismã no cordão de seu relógio que um dia me capturou a atenção, e ele me permitiu de examiná-lo. Era, se bem suponho, uma moeda bizantina dourada. Havia a efígie de algum imperador de um lado, e o outro lado tinha desgastado a ponto de estar praticamente liso, e ele tinha cravado nele... de uma forma bem bárbara... suas próprias iniciais, G.W.S., e uma data, 24 de julho de 1865. Sim, era isso. Ele me disse que a tinha conseguido em Constantinopla, e era quase do tamanho de um florim<sup>75</sup>, talvez um pouco menor.

— Bem, a primeira coisa estranha que aconteceu foi essa. Sampson estava nos ensinando a gramática do Latim. Um de seus métodos favoritos... talvez, até um dos melhores que há... consistia em nos fazer construir sentenças próprias que ilustrassem as regras que ele estava tentando nos ensinar. É claro que isso abria espaço para que os meninos fossem impertinentes. Há várias narrativas escolares em que isso acontece... ou talvez haja. Mas Sampson era demasiado rígido para que sequer pensássemos em aprontar algo com ele. Na ocasião, ele nos ensinava como dizer *lembrar-se* em Latim, e ele mandou a cada um de nós que fizéssemos uma sentença contendo o verbo *memini*, “Eu me lembro.” A maioria de nós fez umas sentenças comuns, como “Eu me lembro do meu pai”, ou “Ele se lembra do seu livro”, ou algo tão chato quanto. Digo até que muitos colocaram *memino librum meum*, e assim por diante, mas o menino que eu mencionei, McLeod, estava mesmo era pensando em algo mais elaborado que isso. O resto da turma queria ter a sentença aprovada para poder passar para a próxima questão, então, alguns o chutavam por

---

<sup>75</sup> Florim foi uma antiga moeda inglesa, no valor de dois xelins (um xelim tinha o valor de um vigésimo de uma libra esterlina, logo um florim valia um décimo de uma libra, isto é, 0,1), emitida entre os anos de 1849 e 1970, e cujo tamanho variou de 28 a 30mm.



debaixo da mesa, e eu, que estava ao seu lado, cutuquei-o e sussurrei para que se apressasse. Mas parece que ele não me deu ouvidos. Olhei para a tarefa dele e vi que ele não tinha escrito nada. Então, eu o cutuquei mais forte de novo e o repreendi rispidamente por nos manter todos esperando. O susto fez parecer que ele tinha acordado, e então bem rápido ele rabiscou umas duas linhas no papel e foi mostrar, como o resto de nós. Tendo sido o último, ou quase, a entregar, e como Sampson ainda tinha muito a dizer aos meninos que tinham escrito *meminiscimus patri meo* e para os demais, acabou que o relógio soou às doze horas antes que ele chegasse a McLeod, e McLeod teve que ficar depois da aula até que sua sentença fosse corrigida. Nada estava acontecendo do lado de fora, então, eu o esperei na saída. Ele veio bem devagar e quando ele chegou eu achei que algo tinha dado errado. “Bem”, eu disse, “tirou quanto?” “Ah, eu não sei”, disse McLeod, “sei lá, acho que ele não me suporta.” “Por quê? Mostrou alguma bobagem para ele?” “Sem chance”, ele disse. “Estava certo até onde eu sei. Era assim: *Memento*, que representa suficientemente o significado de lembrar, e aceita um genitivo, *memento putei inter quatuor taxos.*” “Que tolice!”, eu disse. “O que lhe fez pensar nisso? E o que significa?” “Essa é a parte engraçada”, disse McLeod. “Eu não tenho certeza do que quer dizer. Tudo que eu sei é que veio à minha mente e eu botei lá. Eu sei o que eu *acho* que significa porque logo antes de escrevê-la eu meio que tive uma imagem do que seria na minha cabeça. Eu acredito que quer dizer ‘Lembre-se do poço entre os quatro...’ Que tipo de árvore é aquela com umas frutinhas vermelhas?” “Tramazeira, eu acho.” “Nunca ouvi falar nelas”, disse McLeod. “Não, já *sei*... são teixos!” “Bem, e o que Sampson disse?” “Ora, ele ficou bem estranho com isso. Quando ele leu, ele se levantou e foi até a moldura da lareira, e ficou um bom tempo sem dizer nada, de costas para mim. E então ele disse, sem se virar, e bem quietamente, ‘O que você acha que significa?’. Eu lhe disse o que eu pensava, só não lembrava o nome da droga da árvore. E aí ele quis saber por que eu escrevi, e eu tive que inventar um motivo. E depois ele deixou de falar sobre, e me perguntou quanto tempo fazia que eu estava aqui, e onde moravam meus parentes, e coisas do tipo. E então eu vim embora, mas ele não parecia bem.”

— Eu não lembro de mais nada que falamos sobre isso. No dia seguinte, McLeod esteve de cama com um resfriado, ou algo assim, e levou uma semana ou mais até que ele fosse à escola novamente. E assim foi que passou um mês sem que nada de especial tivesse acontecido. Se o professor Sampson estava ou não



assustado, como McLeod pensou, não soubemos. O que eu tenho certeza, agora, é claro, é de que havia algo muito curioso em seu passado, mas eu não vou fingir que nós meninos éramos espertos o suficiente para adivinhar o que quer que fosse.

— Houve mais um incidente do tipo, como o último que eu lhe contei. Várias vezes desde aquele dia, tivemos que fazer exemplos na escola para ilustrar diferentes regras, mas não havia tido mais fila nenhuma, exceto quando nós errávamos. Finalmente, veio um dia em que enfrentávamos aquelas coisas deprimentes que as pessoas chamam de Orações Condicionais, e ele nos mandou fazer uma sentença condicional, contendo uma consequência futura. Nós fizemos, certo ou errado, e mostramos nossas tarefas e o professor Sampson começou a dar uma olhada nelas. De repente, ele se levantou, fez um barulho estranho com a garganta, e saiu pela porta que estava próxima à mesa dele. Ficamos um ou dois minutos sentados, esperando, e então, imagino que isso fosse errado, mas eu e um ou dois outros nos levantamos para olhar as tarefas sobre a sua mesa. É claro que pensei que alguém devia ter escrito alguma bobagem, e que Sampson tinha saído para entregar o caso na diretoria. Ainda assim, eu notei que ele não tinha levado papel nenhum consigo quando ele saiu correndo. Bem, o papel acima de todos na mesa estava escrito com tinta vermelha, que ninguém usava, e que não estava na mão de ninguém que estava na sala. Eles todos olharam o papel, McLeod e os demais, e juraram de pé junto que não era de nenhum deles. Foi aí que eu pensei em contar os papéis. E disso eu tive absoluta certeza: que tinham dezessete tarefas na mesa, e dezesseis meninos na turma. Bem, eu peguei o papel intruso, guardei, e acho que ainda o tenho comigo. E agora você vai querer saber o que estava escrito nele. O que tinha de simples tinha de inofensivo, eu diria.

— *“Si tu non veneris ad me, ego veniam ad te”*, o que acho que significa, “Se você não vier até mim, eu irei até você.”

— Você pode me mostrar o papel? — interrompeu o ouvinte.

— Sim, eu posso, mas tem outra coisa estranha sobre ele. Naquela mesma tarde, eu o tirei do meu armário (tenho certeza de que era o mesmo papel, pois deixei uma mancha com o dedo), mas não havia traço algum de qualquer tipo de escrita nele. Eu guardei, como disse, e desde aquela época, eu tentei vários experimentos para ver se alguma tinta invisível havia sido usada, mas não obtive resultado algum.



— Tanto trabalho para nada. Cerca de meia hora depois, Sampson reapareceu dizendo que tinha se sentido bem mal, e nos disse que estávamos liberados. Ele veio bem cuidadosamente e deu só uma olhadinha no primeiro papel. E acho que pensou que devia estar sonhando. Mesmo assim, ele não perguntou mais nada.

— Aquele dia foi metade-feriado, e no dia seguinte Sampson estava na escola, como de costume. Na noite daquele dia, o terceiro e último incidente da minha história aconteceu.

— Nós, McLeod e eu, dormimos em um dormitório que ficava perpendicular ao prédio principal. E era no primeiro andar do prédio que Sampson dormia. A lua estava bem cheia e brilhante. Em uma hora que eu não sei exatamente, mas entre uma e duas da madrugada, fui acordado por alguém me chacoalhando. Era McLeod. E que estado de espírito no qual ele estava! “Vem”, ele disse, “vem! Tem um ladrão entrando pela janela de Sampson.” Assim que eu recobrei a voz, eu disse, “Bem, e por que não gritamos e acordamos todo mundo?” “Não, não”, ele disse, “eu não tenho certeza de quem é. Não faça barulho. Venha e olhe.” Naturalmente, eu fui e olhei, e naturalmente não tinha ninguém lá. Fiquei tão irritado e devia ter xingado bastante McLeod por isso. Só que, e eu não sabia o motivo, me pareceu que *havia* algo errado... algo que eu agradeci muito por não estar presenciando sozinho. Estávamos ainda na janela, observando, e assim que pude, eu lhe perguntei o que ele tinha ouvido ou visto. “Eu não *ouvi* absolutamente nada”, ele disse, “mas uns cinco minutos antes de eu lhe acordar, eu me encontrei de pé, olhando por essa janela aqui, e tinha um homem sentado ou ajoelhado sobre a janela de Sampson, olhando seu quarto, e eu pensei que ele estava acenando.” “Que tipo de homem?” McLeod se retorceu. “Eu não sei”, ele disse, “mas de uma coisa eu sei, ele era horrivelmente magro, e parecia como se ele estivesse todo ensopado, e”, continuou, olhando para os lados e sussurrando como se ele mal quisesse ouvir o que ele mesmo diria, “não tenho tanta certeza de que ele estava vivo.”

— Continuamos a sussurrar por algum tempo, mas eventualmente retornamos às nossas camas. Mais ninguém no quarto acordou ou sequer se moveu durante o tempo todo. Acredito que nós dormimos um pouco depois, mas ficamos calados no dia seguinte.



— E no dia seguinte, o professor Sampson havia sumido. Ninguém mais soube dele, e eu acho que traço nenhum dele foi encontrado até hoje. E pensando bem, uma das coisas mais estranhas que eu acho sobre isso é o fato de que nem McLeod nem eu nunca mencionamos o que vimos para mais ninguém. É claro, não fizemos perguntas sobre isso, e se tivessem feito, estou disposto a crer que nós não saberíamos o que dizer. Parecíamos incapazes de falar sobre isso.

— Essa é a minha história —, disse o narrador. — O que chega mais perto de uma história de fantasma conectada a uma escola que eu conheço, mas, ainda assim, acho que chega a ser algo do tipo.

\* \* \* \* \*

A sequência disso, talvez, seja estimada como altamente convencional, mas uma sequência há, e precisa ser reproduzida. Havia mais de um ouvinte a essa história, e, mais tarde naquele mesmo ano, ou no próximo, tal ouvinte estava ficando em uma casa de campo na Irlanda.

Uma noite, o dono da casa estava revirando uma gaveta cheia de bugigangas no fumódromo. De repente, ele pôs a mão sobre uma caixinha. — Então —, ele disse, — você que conhece coisas antigas, diga-me o que é isso. Meu amigo abriu a caixinha e nela encontrou uma corrente fina de ouro com um objeto preso a ela. Ele deu uma olhada no objeto e então tirou os óculos para examiná-lo mais estritamente. — Qual é a história disso? — ele perguntou. — Esquisita até demais —, foi a resposta. — Sabe o matagal de teixos após os arbustos? Então, um ou dois anos atrás, estávamos limpando o velho poço que costumava ficar na clareira, e adivinha o que nós encontramos!

— Será possível que vocês acharam um corpo? — disse o visitante, com uma estranha sensação de nervosismo.

— Exato, mas, além disso, em todos os sentidos da palavra, nós encontramos dois.

— Meu Deus! Dois? Tinha algo que mostrava como eles chegaram lá? Essa coisa foi encontrada com eles?

— Foi. Dentre os trapos que vestia um dos corpos. Um negócio feio, qualquer que tenha sido a sua história. Um corpo tinha os braços apertados ao redor do outro. Eles deviam estar lá há mais de 30 anos, tempo demais antes de nos mudarmos para cá. Você já deve imaginar que nós enchemos o poço de novo o mais rápido que



pudemos. O que você acha do que está escrito nessa moeda dourada que você tem aí?

— Eu acho que é —, disse meu amigo, segurando o objeto contra a luz (mas ele leu sem muita dificuldade), — G.W.S., 24 de julho de 1865.





## **A SCHOOL STORY<sup>76</sup>** **DE M.R. JAMES**

*Two men in a smoking-room were talking of their private-school days. 'At our school,' said A., 'we had a ghost's footmark on the staircase. What was it like? Oh, very unconvincing. Just the shape of a shoe, with a square toe, if I remember right. The staircase was a stone one. I never heard any story about the thing. That seems odd, when you come to think of it. Why didn't somebody invent one, I wonder?'*

*'You never can tell with little boys. They have a mythology of their own. There's a subject for you, by the way—"The Folklore of Private Schools".'*

*'Yes; the crop is rather scanty, though. I imagine, if you were to investigate the cycle of ghost stories, for instance, which the boys at private schools tell each other, they would all turn out to be highly-compressed versions of stories out of books.'*

*'Nowadays the Strand and Pearson's, and so on, would be extensively drawn upon.'*

*'No doubt: they weren't born or thought of in my time. Let's see. I wonder if I can remember the staple ones that I was told. First, there was the house with a room in which a series of people insisted on passing a night; and each of them in the morning was found kneeling in a corner, and had just time to say, "I've seen it," and died.'*

*'Wasn't that the house in Berkeley Square?'*

*'I dare say it was. Then there was the man who heard a noise in the passage at night, opened his door, and saw someone crawling towards him on all fours with his eye hanging out on his cheek. There was besides, let me think—Yes! the room where a man was found dead in bed with a horseshoe mark on his forehead, and the floor under the bed was covered with marks of horseshoes also; I don't know why. Also there was the lady who, on locking her bedroom door in a strange house, heard a thin voice among the bed-curtains say, "Now we're shut in for the night." None of those had any explanation or sequel. I wonder if they go on still, those stories.'*

---

<sup>76</sup> *A School Story* é o conto de abertura da obra *More Ghost Stories* (1911), coleção de histórias de fantasma de M.R. James.



*'Oh, likely enough—with additions from the magazines, as I said. You never heard, did you, of a real ghost at a private school? I thought not; nobody has that ever I came across.'*

*'From the way in which you said that, I gather that you have.'*

*'I really don't know; but this is what was in my mind. It happened at my private school thirty odd years ago, and I haven't any explanation of it.'*

*'The school I mean was near London. It was established in a large and fairly old house—a great white building with very fine grounds about it; there were large cedars in the garden, as there are in so many of the older gardens in the Thames valley, and ancient elms in the three or four fields which we used for our games. I think probably it was quite an attractive place, but boys seldom allow that their schools possess any tolerable features.'*

*'I came to the school in a September, soon after the year 1870; and among the boys who arrived on the same day was one whom I took to: a Highland boy, whom I will call McLeod. I needn't spend time in describing him: the main thing is that I got to know him very well. He was not an exceptional boy in any way—not particularly good at books or games—but he suited me.'*

*'The school was a large one: there must have been from 120 to 130 boys there as a rule, and so a considerable staff of masters was required, and there were rather frequent changes among them.'*

*'One term—perhaps it was my third or fourth—a new master made his appearance. His name was Sampson. He was a tallish, stoutish, pale, black-bearded man. I think we liked him: he had travelled a good deal, and had stories which amused us on our school walks, so that there was some competition among us to get within earshot of him. I remember too—dear me, I have hardly thought of it since then!—that he had a charm on his watch-chain that attracted my attention one day, and he let me examine it. It was, I now suppose, a gold Byzantine coin; there was an effigy of some absurd emperor on one side; the other side had been worn practically smooth, and he had had cut on it—rather barbarously—his own initials, G.W.S., and a date, 24 July, 1865. Yes, I can see it now: he told me he had picked it up in Constantinople: it was about the size of a florin, perhaps rather smaller.'*

*'Well, the first odd thing that happened was this. Sampson was doing Latin grammar with us. One of his favourite methods—perhaps it is rather a good one—was*



*to make us construct sentences out of our own heads to illustrate the rules he was trying to make us learn. Of course that is a thing which gives a silly boy a chance of being impertinent: there are lots of school stories in which that happens—or anyhow there might be. But Sampson was too good a disciplinarian for us to think of trying that on with him. Now, on this occasion he was telling us how to express remembering in Latin: and he ordered us each to make a sentence bringing in the verb memini, "I remember." Well, most of us made up some ordinary sentence such as "I remember my father," or "He remembers his book," or something equally uninteresting: and I dare say a good many put down memino librum meum, and so forth: but the boy I mentioned—McLeod—was evidently thinking of something more elaborate than that. The rest of us wanted to have our sentences passed, and get on to something else, so some kicked him under the desk, and I, who was next to him, poked him and whispered to him to look sharp. But he didn't seem to attend. I looked at his paper and saw he had put down nothing at all. So I jogged him again harder than before and upbraided him sharply for keeping us all waiting. That did have some effect. He started and seemed to wake up, and then very quickly he scribbled about a couple of lines on his paper, and showed it up with the rest. As it was the last, or nearly the last, to come in, and as Sampson had a good deal to say to the boys who had written meminiscimus patri meo and the rest of it, it turned out that the clock struck twelve before he had got to McLeod, and McLeod had to wait afterwards to have his sentence corrected. There was nothing much going on outside when I got out, so I waited for him to come. He came very slowly when he did arrive, and I guessed there had been some sort of trouble. "Well," I said, "what did you get?" "Oh, I don't know," said McLeod, "nothing much: but I think Sampson's rather sick with me." "Why, did you show him up some rot?" "No fear," he said. "It was all right as far as I could see: it was like this: Memento—that's right enough for remember, and it takes a genitive,—memento putei inter quatuor taxos." "What silly rot!" I said. "What made you shove that down? What does it mean?" "That's the funny part," said McLeod. "I'm not quite sure what it does mean. All I know is, it just came into my head and I corked it down. I know what I think it means, because just before I wrote it down I had a sort of picture of it in my head: I believe it means 'Remember the well among the four'—what are those dark sort of trees that have red berries on them?" "Mountain ashes, I s'pose you mean." "I never heard of them," said McLeod; "no, I'll tell you—yews." "Well, and what*



*did Sampson say?" "Why, he was jolly odd about it. When he read it he got up and went to the mantelpiece and stopped quite a long time without saying anything, with his back to me. And then he said, without turning round, and rather quiet, 'What do you suppose that means?' I told him what I thought; only I couldn't remember the name of the silly tree: and then he wanted to know why I put it down, and I had to say something or other. And after that he left off talking about it, and asked me how long I'd been here, and where my people lived, and things like that: and then I came away: but he wasn't looking a bit well."*

*'I don't remember any more that was said by either of us about this. Next day McLeod took to his bed with a chill or something of the kind, and it was a week or more before he was in school again. And as much as a month went by without anything happening that was noticeable. Whether or not Mr Sampson was really startled, as McLeod had thought, he didn't show it. I am pretty sure, of course, now, that there was something very curious in his past history, but I'm not going to pretend that we boys were sharp enough to guess any such thing.*

*'There was one other incident of the same kind as the last which I told you. Several times since that day we had had to make up examples in school to illustrate different rules, but there had never been any row except when we did them wrong. At last there came a day when we were going through those dismal things which people call Conditional Sentences, and we were told to make a conditional sentence, expressing a future consequence. We did it, right or wrong, and showed up our bits of paper, and Sampson began looking through them. All at once he got up, made some odd sort of noise in his throat, and rushed out by a door that was just by his desk. We sat there for a minute or two, and then—I suppose it was incorrect—but we went up, I and one or two others, to look at the papers on his desk. Of course I thought someone must have put down some nonsense or other, and Sampson had gone off to report him. All the same, I noticed that he hadn't taken any of the papers with him when he ran out. Well, the top paper on the desk was written in red ink—which no one used—and it wasn't in anyone's hand who was in the class. They all looked at it—McLeod and all—and took their dying oaths that it wasn't theirs. Then I thought of counting the bits of paper. And of this I made quite certain: that there were seventeen bits of paper on the desk, and sixteen boys in the form. Well, I bagged the extra paper, and kept it,*



*and I believe I have it now. And now you will want to know what was written on it. It was simple enough, and harmless enough, I should have said.*

*"Si tu non veneris ad me, ego veniam ad te," which means, I suppose, "If you don't come to me, I'll come to you."*

*'Could you show me the paper?' interrupted the listener.*

*'Yes, I could: but there's another odd thing about it. That same afternoon I took it out of my locker—I know for certain it was the same bit, for I made a finger-mark on it—and no single trace of writing of any kind was there on it. I kept it, as I said, and since that time I have tried various experiments to see whether sympathetic ink had been used, but absolutely without result.*

*'So much for that. After about half an hour Sampson looked in again: said he had felt very unwell, and told us we might go. He came rather gingerly to his desk and gave just one look at the uppermost paper: and I suppose he thought he must have been dreaming: anyhow, he asked no questions.*

*'That day was a half-holiday, and next day Sampson was in school again, much as usual. That night the third and last incident in my story happened.*

*'We—McLeod and I—slept in a dormitory at right angles to the main building. Sampson slept in the main building on the first floor. There was a very bright full moon. At an hour which I can't tell exactly, but some time between one and two, I was woken up by somebody shaking me. It was McLeod; and a nice state of mind he seemed to be in. "Come," he said,—"come! there's a burglar getting in through Sampson's window." As soon as I could speak, I said, "Well, why not call out and wake everybody up?" "No, no," he said, "I'm not sure who it is: don't make a row: come and look." Naturally I came and looked, and naturally there was no one there. I was cross enough, and should have called McLeod plenty of names: only—I couldn't tell why—it seemed to me that there was something wrong—something that made me very glad I wasn't alone to face it. We were still at the window looking out, and as soon as I could, I asked him what he had heard or seen. "I didn't hear anything at all," he said, "but about five minutes before I woke you, I found myself looking out of this window here, and there was a man sitting or kneeling on Sampson's window-sill, and looking in, and I thought he was beckoning." "What sort of man?" McLeod wriggled. "I don't know," he said, "but I can tell you one thing—he was beastly thin: and he looked as if he was wet all over: and,"*



he said, looking round and whispering as if he hardly liked to hear himself, "I'm not at all sure that he was alive."

*'We went on talking in whispers some time longer, and eventually crept back to bed. No one else in the room woke or stirred the whole time. I believe we did sleep a bit afterwards, but we were very cheap next day.'*

*'And next day Mr Sampson was gone: not to be found: and I believe no trace of him has ever come to light since. In thinking it over, one of the oddest things about it all has seemed to me to be the fact that neither McLeod nor I ever mentioned what we had seen to any third person whatever. Of course no questions were asked on the subject, and if they had been, I am inclined to believe that we could not have made any answer: we seemed unable to speak about it.'*

*'That is my story,' said the narrator. 'The only approach to a ghost story connected with a school that I know, but still, I think, an approach to such a thing.'*

\*\*\*\*\*

*The sequel to this may perhaps be reckoned highly conventional; but a sequel there is, and so it must be produced. There had been more than one listener to the story, and, in the latter part of that same year, or of the next, one such listener was staying at a country house in Ireland.*

*One evening his host was turning over a drawer full of odds and ends in the smoking-room. Suddenly he put his hand upon a little box. 'Now,' he said, 'you know about old things; tell me what that is.' My friend opened the little box, and found in it a thin gold chain with an object attached to it. He glanced at the object and then took off his spectacles to examine it more narrowly. 'What's the history of this?' he asked. 'Odd enough,' was the answer. 'You know the yew thicket in the shrubbery: well, a year or two back we were cleaning out the old well that used to be in the clearing here, and what do you suppose we found?'*

*'Is it possible that you found a body?' said the visitor, with an odd feeling of nervousness.*

*'We did that: but what's more, in every sense of the word, we found two.'*

*'Good Heavens! Two? Was there anything to show how they got there? Was this thing found with them?'*

*'It was. Amongst the rags of the clothes that were on one of the bodies. A bad business, whatever the story of it may have been. One body had the arms tight round*



*the other. They must have been there thirty years or more—long enough before we came to this place. You may judge we filled the well up fast enough. Do you make anything of what's cut on that gold coin you have there?'*

*'I think I can,' said my friend, holding it to the light (but he read it without much difficulty); 'it seems to be G.W.S., 24 July, 1865.'*

### **Biografia do Autor**

Montague Rhodes James (1862-1936), mais conhecido no mundo editorial como M.R. James, foi um autor e medievalista inglês. Apesar de bastante respeitado por seus trabalhos acadêmicos, em especial no que concerne aos Estudos Medievais, James é mais lembrado por suas histórias de fantasma (*ghost stories*), publicadas já no século XX. Em seus contos, o autor buscava desconstruir os traços góticos já tão explorados e comuns ao gênero, ao passo que implantava elementos contemporâneos, ambientando o gênero ao seu tempo. Refletindo seu interesse em antiquários, James costuma, em suas narrativas, inserir colecionadores de antiguidades e objetos antigos, o que lhe aferiu o título de criador do 'conto de fantasma antiquariano'.

### **Resumo da Obra**

Publicado em 1911 em *Ghost Stories of an Antiquary Part 2: More Ghost Stories*, de M.R. James, o conto *A School Story* ecoa o fascínio de James por antiguidades em fusão ao que o autor posiciona como sendo a força sobrenatural que age e/ou interfere na vida dos personagens. No conto, um professor de Latim, de nome Sampson, possui uma moeda bizantina pela qual seus alunos tomam interesse. No entanto, ele se preocupa após ler sentenças que os seus alunos dizem não ter escrito. Em seguida, a partir da visita de uma estranha figura, avistada por dois de seus alunos, o professor desaparece misteriosamente, e, cerca de trinta anos mais tarde, sua moeda dourada é encontrada junto a dois corpos em um poço entre quatro árvores...



## Projeto de Tradução

Configurando-se como um desafio para o tradutor, a tradução literária envolve, por exemplo, a consideração de aspectos culturais, históricos, linguísticos, literários, políticos, semânticos, sociais etc. Em vista disso, o conto *A School Story* recebeu o título de ‘Um Conto Escolar’, ao invés de ‘Uma História/Narrativa Escolar’, não só de forma a enfatizar o gênero literário conto, mas também no que tange ao fato de que o conto possui mais de um contar.

Em outras palavras, a história é contada por duas vozes distintas. Num primeiro momento, um narrador onisciente apresenta dois personagens, e, por conseguinte, abre espaço para que um deles se torne narrador também. Isso quer dizer que há um conto dentro de um conto, um contar, concretizado por um dos personagens, que se torna possível dentro do contar do primeiro narrador. Ao encerrar o seu relato (que vai do 1º parágrafo até o de número 26), o segundo narrador, que também é um dos personagens da própria história, retorna o posto de narrador a quem primeiro iniciou o contar – o narrador onisciente.

Nesse sentido, procurou-se prezar pela estrutura narrativa do conto tal como o autor a concebeu ao escrevê-lo de modo a não rescindir o implícito do objeto literário. Entretanto, ocorreram modificações com relação à pontuação. Primeiramente, isso foi necessário, uma vez que suas regras diferem de um registro linguístico para outro. Nos Estados Unidos, por exemplo, é comum que as falas dos diálogos sejam intercaladas por aspas duplas (“”), ao passo que no Reino Unido (caso de *A School Story*), utiliza-se aspas simples (‘’). Na França, por outro lado, emprega-se aspas angulares duplas («»).

Já no Brasil, existe uma preferência pelo travessão (—), tal como foi proposto na tradução e ilustrado pelo parágrafo 6, a seguir:

Original	Tradução
'Wasn't that the house in Berkeley Square?'	— Não era aquela casa na Praça Berkeley?

No exemplo acima, é possível notar que, diferente do uso de aspas simples, o uso de travessão não requer que ao final a fala seja intercalada pelo mesmo recurso, exceto quando existem complementos que representem informações adicionais ou





que deem continuidade ao discurso manifesto pelo travessão. Vale destacar, secundamente, que os exemplos de utilização de pontuação supracitados operam em primeiro plano, de maneira que uma citação dentro de outra citação requer que uma pontuação diferente seja adotada, tal como se exemplifica em meados do parágrafo 15:

Original	Tradução
[...] "Well," I said, "what did you get?" [...]	[...] "Bem", eu disse, "tirou quanto?" [...]

Nos fragmentos acima, evidencia-se parte de um diálogo incluso na fala de um personagem (o segundo narrador, que também é personagem do conto), intercalada ao longo de sua narração por aspas simples. Daí a colocação das aspas duplas em ambos os textos. Isso atua como uma sinalização da citação em segundo plano, isto é, da citação dentro de outra citação e a diferencia, por sua vez, da citação comum, ou em primeiro plano.

Ter optado pelas aspas duplas, em vez de dar lugar à reutilização do travessão, foi a forma encontrada de preservar a riqueza do texto, em termos de pontuação. Desse modo, também foram afastadas ocasiões de embate entre o fim de uma fala e o começo da próxima. Em situações assim, por exemplo, não há inserção de incisos (interferências realizadas pelo narrador para complementar o discurso ou sinalizar de onde/quem ele provém), como se exemplifica nesse segmento do parágrafo 23:

Original	Tradução
[...] "Well, why not call out and wake everybody up?" "No, no," he said, [...]	[...] "Bem, e por que não gritamos e acordamos todo mundo?" "Não, não", ele disse, [...]

Como se pode perceber, apesar do encontro das aspas, foi possível conservar a interligação das falas do diálogo no mesmo parágrafo. Isso preveniu a presença de dois travessões entre a primeira e a segunda fala, caso a permuta das aspas por travessões tivesse sido readotada. Assim, preferiu-se investir na dissolução dos travessões duplos, em detrimento de sua repetição colidente.



Ponderou-se também acerca da citação em terceiro plano, que se refere àquela em que algo é citado (1) dentro de uma citação (2), a qual, por sua vez, está contida em outra citação (3). Nesse sentido, existem três camadas de citação, e a em terceiro plano é a mais interior das três, tal como se ilustra, a partir do parágrafo 15, abaixo:

Original	Tradução
[...] And then he said, without turning round, and rather quiet, 'What do you suppose that means?' [...]	[...] E então ele disse, sem se virar, e bem quietamente, 'O que você acha que significa?'. [...]

É relevante lembrar que o parágrafo 15 é narrado pelo segundo narrador, o qual está descrevendo e citando uma conversa que teve com seu amigo McLeod. Tem-se aí a primeira citação. A segunda se origina do fato de que, no extrato acima, McLeod é quem está contando como foi uma conversa que teve com o professor Sampson. Já a terceira citação advém da fala do professor que ele reproduz ao amigo, representada por aspas simples em ambos os trechos.

Por um lado, parece que se observa um recuo do texto original ao retomar uma forma de pontuação já utilizada e que, inclusive, intercala o parágrafo do qual tal trecho faz parte. Apesar disso, a escolha não gera problemas de interpretação. Por outro lado, no texto traduzido, recorreu-se ao emprego de outra pontuação mais simples do que as aspas duplas, coincidindo com o uso feito no original, e explicitando a diferença entre as falas citadas nos planos maiores.

Ademais, outros traços de pontuação do texto-fonte também foram traduzidos. As pausas por travessão, por exemplo, foram convertidas em reticências. Já o travessão de explicação foi substituído por vírgula. Os dois-pontos, por sua vez, foram suprimidos dada a ausência de elementos citados após o seu uso no texto de chegada, ao passo que os ponto e vírgulas deram espaço para vírgulas. Também houve casos em que ambos os dois-pontos e os pontos e vírgulas foram trocados por pontos finais. As citações diretas, no entanto, conservaram as aspas duplas, visto que já se encontravam dentro de uma fala (a do segundo narrador).

Tais modificações se deveram não somente ao fato de que a pontuação varia de uma língua para outra, mas também para estabelecer e consolidar as relações que



elas definem entre as partes do texto, a partir do seu uso. Por essa razão, o trabalho do tradutor também implica conhecer as normas que regem o emprego da pontuação, as quais também participam do conhecimento linguístico requerido.

Concernente ao aspecto literário do texto, Carvalho (1993) corrobora a ideia de que traduzir literatura envolve criatividade. Apoiando-se nisso, foi possível a criação de um termo para indicar algo que não faz parte da cultura de chegada, como é o caso no início do parágrafo 22:

Original	Tradução
'That day was a <u>half-holiday</u> [...]	— Aquele dia foi <u>metade-feriado</u> [...]

Apesar de não existir uma expressão que comunique a ideia do *half-holiday* no Brasil, preferiu-se nomear uma prática que ocorre algumas vezes, mas que não possui um nome específico, como é o caso de quando, por exemplo, há aulas no turno da manhã, mas não à tarde (nem à noite). Isso indica que foi possível fazer uso dos recursos que a língua portuguesa disponibiliza, apesar da ausência de uma expressão correspondente na cultura de chegada.

Outro aspecto que foi observado diz respeito à ordem sintática, a qual difere em ambas as línguas. Em inglês, por exemplo, os adjetivos antecedem os substantivos. No entanto, o português possui uma flexibilidade maior que o inglês, possibilitando o uso de adjetivos tanto antes quanto depois do substantivo, fenômeno que, por vezes, pode afetar o significado da sentença como um todo. Para ilustrar:

Exemplo	Significado
Um professor <u>pobre</u> .	(Um professor que possui dificuldades financeiras.)
Um <u>pobre</u> professor.	(Um professor cuja condição gera pena ou comove.)

Nos exemplos acima, é possível perceber que a mudança de posição do adjetivo 'pobre' nas sentenças condiciona o significado expresso. Utilizando-se desse recurso próprio da língua portuguesa, mas atentando-se para situações de mudança semântica, aproveitou-se da flexibilidade da língua de chegada para, por



exemplo, dar conta da dupla adjetivação que algumas vezes apresentou o texto original, como há no parágrafo 11 em ambos os textos:

Original	Tradução
[...] a <u>great</u> <u>white</u> building [...]	[...] um <u>enorme</u> prédio <u>branco</u> [...]

É possível perceber que a ordem do original difere da ordem na tradução, mas os sentidos permaneceram, tanto o que sugere o tamanho da construção quanto o que indica a sua cor. A preferência pela separação dos adjetivos em português também se deu porque a dupla adjetivação não é comumente empregada na língua portuguesa sem o auxílio de um conectivo. Nesse caso, ‘um enorme prédio branco’ se tornaria ‘um prédio enorme e branco’, o que asseguraria a dupla adjetivação no caso de a estrutura agir em função do texto literário, como comumente ocorre em poesias, por exemplo.

Um outro exemplo de dupla adjetivação também ocorre no parágrafo 11:

Original	Tradução
[...] in a <u>large</u> and fairly <u>old</u> house [...]	[...] num <u>casarão</u> razoavelmente <u>velho</u> [...]

Rompendo com o modelo trabalhado no exemplo anterior e, conseqüentemente, soando mais natural dentro da ordem sintática habitual da língua de chegada, ambos os adjetivos sucedem o substantivo. Entretanto, dessa vez, é notável a incorporação de um dos adjetivos pelo substantivo em evidência. Com isso, ‘casa’, correspondendo a *house*, torna-se ‘casarão’, ao vincular o adjetivo *large* (grande) a si através do sufixo ‘-rão’, fornecendo a ideia de tamanho com a qual o texto original qualifica a casa que descreve.

A partir desses casos, é possível perceber que houve tentativas de manter a gama de sentidos do original, recorrendo às possibilidades oferecidas pela língua de chegada. Entretanto, vale destacar que a atividade tradutória envolve perdas e ganhos, conforme Oustinoff (2011). Isso aconteceu em alguns momentos em que a passagem de uma língua para a outra não se mostrou ser suficiente para a comunicação do sentido pretendido, como nesse exemplo do parágrafo 12:



Original	Tradução
[...] a <u>Highland</u> boy [...]	[...] um garoto <u>da Escócia</u> [...]

Pode-se perceber que a função sintática do original (adjetivo) foi informada pelo uso de uma locução adjetiva (preposição + substantivo), que possui o mesmo valor de um adjetivo. Contudo, *Highland* indica ‘altas regiões montanhosas’, o que não especifica tanto a origem do garoto em questão dentro da cultura de chegada. Por essa razão, optou-se por procurar que países participam da *Highland* britânica, tendo a Escócia sido adotada como opção devido às Terras Altas que fazem parte do seu território. Nesse sentido, a tradução explicitou um aspecto um pouco mais geral trazido pelo autor no original.

Ademais, explorou-se a origem do nome *McLeod* em busca de evidências que dessem suporte ou confirmassem a Escócia como sendo a opção mais pertinente com a qual vincular o personagem em questão. Descobriu-se que *McLeod*, *MacLeod*, *Macleod*, *MacLot*, *McCloud*, entre outros, são consideradas como formas britânicas e variantes do que em gaélico escocês (uma das línguas faladas em regiões das *Highlands* escocesas) se expressa por *MacLeòid*, e se refere a nomes próprios e a sobrenomes de alguns dos clãs escoceses mais primitivos.

Assim, foi possível comprovar uma certa adequação quanto à escolha da Escócia para representar as *Highlands* do texto-fonte. Com isso, percebe-se a necessidade de o tradutor incorporar conhecimentos de cunho não só linguístico, mas também cultural, geográfico, histórico, social, sociolinguístico etc.

Outro aspecto que o conto de James comunicou em especificidade se encontra no final do parágrafo 14, no qual o segundo narrador descreve a moeda bizantina do professor Sampson e faz referência a algo que conhece dentro de sua cultura:

Original	Tradução
[...] it was about the size of a <u>florin</u> , perhaps rather smaller.	[...] e era quase do tamanho de um florim, talvez um pouco menor.

Nesse momento, precisou-se considerar o significado de *florin* para comunicá-lo ao leitor da tradução, uma vez que esse elemento não comparece à



cultura de chegada. Para isso, empregou-se uma nota de rodapé com as informações necessárias (origem, valor de referência, anos de circulação e variações de tamanho) para que o leitor possa apreender tanto quanto possível em que consiste o conceito do objeto traduzido. Com isso, percebe-se que o trabalho do tradutor também envolve considerar a cultura do texto-fonte (cf. KATAN, 2004).

Embora se considere a existência do conceito de domesticação (a substituição de marcas culturais estrangeiras por outras que o leitor reconhecerá prontamente, de acordo com BRITTO, 2012), reconhece-se aqui que tal estratégia não seria apropriada para a tradução do conto proposto, tendo em vista que o texto não se encontra adaptado em sua totalidade à realidade contemporânea. Conseqüentemente, fazer referência a algo que é proveniente dos dias atuais, dentro da tradução de um texto que se situa historicamente entre o final do século XIX e/ou início do século XX, ecoaria de maneira inadequada, imprimindo uma inconsistência à tradução.

Se, por um lado, o uso de domesticação admitiria a alteração de aspectos tidos como pouco comunicáveis por si só ao leitor estrangeiro, por outro lado, as culturas nem sempre possuem traços que correspondam o suficiente para comunicar toda ideia que se pretenda em uma tradução. Isso ocorre, segundo Jakobson (1959/2000), devido à variabilidade da realidade cultural de cada língua.

Por isso, ao representar aspectos que não possuem (ou para os quais não se encontra) um elemento correspondente, o texto traduzido pode oferecer explicações, por exemplo, em notas de rodapé, ou mesmo deixar que as escolhas feitas lembrem ao leitor que o texto se trata de uma tradução. Esse caminho, chamado estrangeirização, conforme Britto (2012), possibilita ao leitor ter uma experiência tão estrangeira quanto possível.

Tal foi o caso de alguns momentos da tradução do conto em questão ao indicar, por exemplo, em uma breve nota de rodapé a que revistas o autor do conto se referiu em seu início (informando uma concisa definição, a origem, o período de publicação e que gêneros textuais publicava). A opção por não usar nomes de revistas brasileiras se deu pelo fato de que, na cultura brasileira, a literatura não possui o mesmo valor que na cultura britânica. Um exemplo disso é a ausência de textos literários nas revistas mais conhecidas do País. Por essa razão, os nomes das



revistas estrangeiras foram mantidos, assim como os nomes dos personagens, as sentenças em latim e os nomes das árvores típicas do cenário britânico:

Original	Tradução
elms	olmeiros
cedar trees	pés de cedro
mountain ashes	tramazeira
yews	teixos

Apesar de possuírem nomes em português, não são tão populares quanto outras mais conhecidas e referenciadas pelo Brasil. Assim, tê-los preservado tão estrangeiros quanto possível foi uma forma de procurar garantir que os leitores lembrassem de que o texto se trata de uma tradução de outro texto advindo de uma cultura diferente e com suas próprias características, elementos e cargas semânticas.

Desse modo, o trabalho do tradutor literário agencia considerar os sistemas de significados que emanam do objeto literário. Este referencia a todo um universo no qual se baseia ou reflete, abarcando aspectos culturais, geográficos, históricos, linguísticos, literários, sociais etc. Assim, torna-se imprescindível ponderar sobre os sentidos que a obra compreende, uma vez que é próprio da linguagem literária desvelar significações múltiplas, explícitas ou implícitas.

## REFERÊNCIAS

BRITTO, Paulo Henriques. **A Tradução Literária**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHAL, Tânia Franco. A Tradução Literária. In: **Organon**. Porto Alegre: UFRGS. v. 7, nº 20, 1993, pp. 47-52. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/%20organon/%20article/%20viewFile/%2039381/25174>>. Acesso em 08 de março de 2019.

JAKOBSON, Roman. On Linguistics Aspects of Translation. In: VENUTI, Lawrence (Editor). **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 1959/2000, pp. 113-118.



JAMES, Montague Rhodes. A School Story. In: \_\_\_\_\_. **Ghost Stories of an Antiquary Part 2: More Ghost Stories**. Londres: Edward Arnold Publishers Ltd, 1911. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/9629/pg9629-images.html>>. Acesso: 04 de março de 2019.

KATAN, David. **Translating Cultures: An introduction for translators, interpreters and mediators**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2004.

OUSTINOFF, Michael. **Tradução: Histórias, teorias e métodos**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

### **Biografia do tradutor**

**Cílio Lindemberg de Araújo Santos** é graduado em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), escritor, tradutor e poeta, sendo contos os seus primeiros trabalhos. Atualmente, dedica-se ao seu primeiro livro ‘Peter e Outros Contos de... Gato?’, em fase de conclusão.